



Representação popular de Magu,
in *L'imagerie populaire chinoise*,
Éditions d'Art Aurora, S. Petersburgo. 1988.



Paibian, Jinqi e Jingkuang

Dísticos Laudatórios
Chineses do Espólio
do Dr. António
do Nascimento Leitão

ANA MARIA AMARO*



INTRODUÇÃO

Em todas as comunidades agrárias é possível encontrar, quer muito viva quer vestigial, a ideia do culto do sobrenatural. Numerosos são, por isso mesmo, os espíritos ou divindades respeitados ou cultuados independentemente do credo religioso dominante.

Na China, onde o Budismo e o Tauismo de há muito se confundem no pensamento e nas práticas da religião popular, inumeráveis são as figuras antropomorfizadas do seu panteão, enriquecidas com as mais diversas variantes regionais.

De acordo com Tong Fong-Wan (1988), professor da História da Religião em Taipei, estas crenças são as “manifestações temporais de uma larga e contínua tradição”.

De facto, na China do Sul, principalmente em Guangdong 广东 e Fujian 福建, onde foi mais acentuado o contacto de culturas diferentes e o isolamento de várias populações e mesmo de diferentes grupos étnicos minoritários, este fenómeno encontra-se particularmente vivo, sendo muito mais rica a constelação de divindades que povoam o seu imaginário e que tornam mais complexa a leitura da estatuária dos templos e dos santuários locais.

É notável a característica antropomórfica conferida a muitos espíritos tutelares, tais como “promotores de riqueza”, “protectores de crianças”, “protectores de colheitas”, “guardiões do solo”, capazes de promoverem felicidade, fertilidade, honrarias, saúde, riqueza e mesmo longevidade.

* Professora catedrática jubilada do ISCSP/UTL (Lisboa) onde exerceu docência de várias cadeiras da Licenciatura em Antropologia e Mestrados. Actualmente exerce a docência de cursos de pós-graduação e é directora do Centro de Estudos Chineses do ISCSP/UTL, cargo que exerce desde 1998, e professora de Instituições Culturais da China do Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas.

Ana Maria Amaro is a retired Professor of ISCSP/UTL (Lisbon), where she taught several subjects pertaining to the Anthropology course, and Master's degrees. Today she teaches at post-graduate level, and has been the Director of the Centre for Chinese Studies at ISCSP/UTL since 1998. She also lectures on the Cultural Institutions of China for the Studies in Chinese Language and Culture course.

MEMÓRIA E IDENTIDADE / Antropologia Cultural

Além destes, são inúmeras as personagens históricas transformadas em “heróis divinizados”, como é o caso de Guan Di 关帝, o famoso general que se notabilizou nos recuados tempos do Período dos Três Reinos (220-265) e que veio a transformar-se num “espírito vitorioso promotor de riqueza”, entronizado, ainda nos anos 1970-80, na maioria das casas comerciais chinesas de Macau.

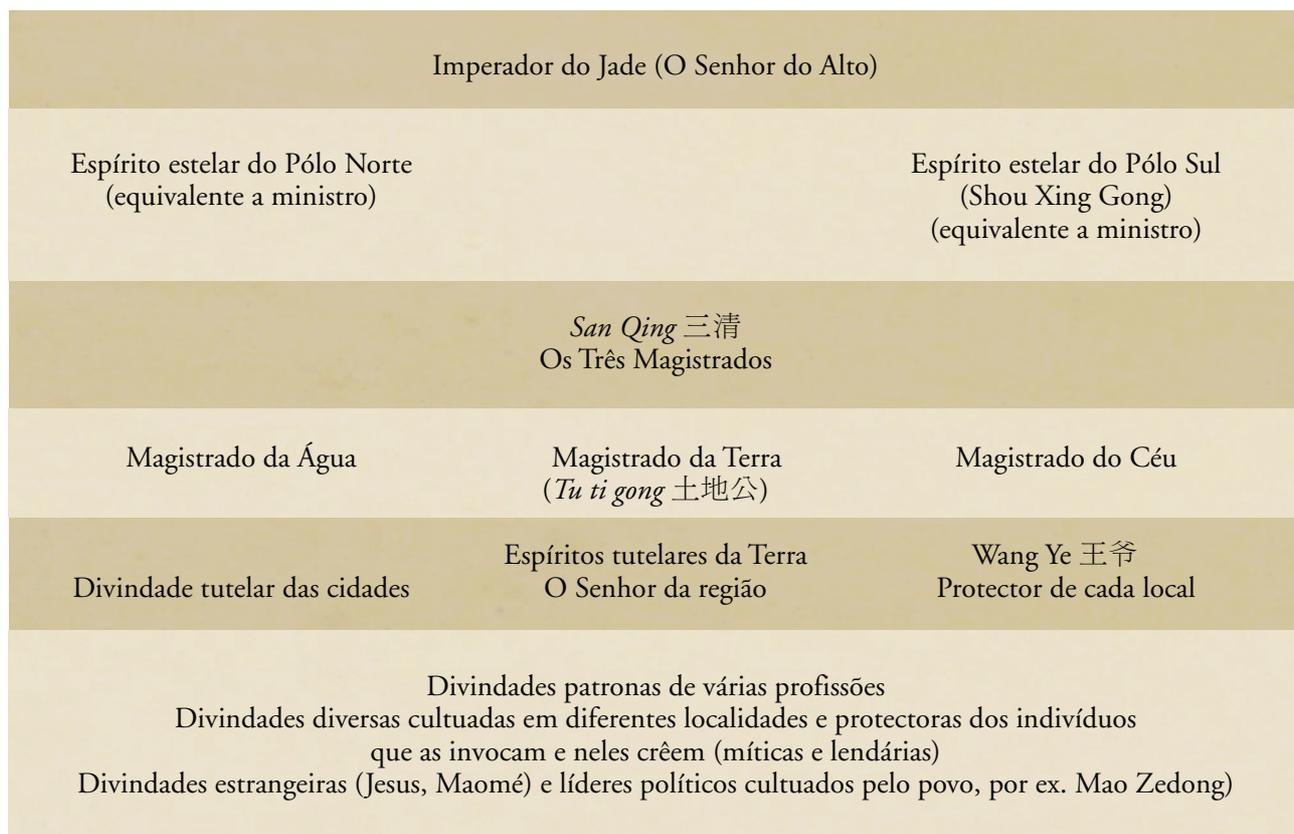
Além deste Marte chinês tauista, que surge muitas vezes acompanhado por Zhang Fei 张飞 e Liu Bei 刘备, é também muito popular uma outra tríade, igualmente tauista, constituída por Fu Xing 福星, Lu Xing 禄星 e Shou Xing Gong 寿星公, três espíritos estelares promotores de ventura, prosperidade e longa vida. Porém, não são apenas populares e invocadas divindades masculinas, outrossim algumas femininas, tais como Gin Hua 金花, Flor dourada (Kam Fá, em cantonense), protectora das crianças, a Concubina Celestial Tian Fei 天妃, protectora dos mareantes, e a misteriosa imortal tauista Magu 麻姑, acompanhante de Xi Wang Mu 西王母. Estas eram, sem dúvida, pelo menos até há pouco tempo, as mais veneradas divindades em toda a China, além da

budista *pu sa* 菩萨 Guan Yin 观音 (Kun Iam, em cantonense), a “Misericordiosa ouvidora das nossas preces”.

Uma das classificações mais comuns das numerosas divindades do panteão popular chinês considera três grandes categorias:

- Oficial – Divindades detentoras de altos cargos, governantes e personagens com diversos cargos oficiais às quais são atribuídas, por exemplo, qualificações de reis, príncipes, generais e altos funcionários;
- Familiar – Divindades que são reconhecidas por “damas”, “donzelas”, ou respeitosa e tratados por “avô” ou “avó”;
- Espiritual – Divindades estelares tauistas antropomorfizadas, capazes de fomentar a boa ou a má sorte (os *xing* 星) e os populares “imortais” que atingiram a perfeição pela sua vida edificante (os *xian* 仙)

De acordo com esta concepção popular, a hierarquia das divindades tauistas do panteão popular da China do Sul pode representar-se de forma esquemática por uma pirâmide:



MEMORY AND IDENTITY / Cultural Anthropology

Desta infinidade de grupos de divindades, as mais diversificadas e mais populares são os “espíritos” considerados “patronos”, dos quais os mais venerados na China do Sul são:

- Shen Nong 神农 – o Divino Agricultor, um dos supostos imperadores míticos da dinastia Xia (que remonta ao período Neolítico chinês), patrono da Agricultura e da Medicina;
- Guan Di – o Marte chinês (herói de *San Guo Yan Yi* 三国演义, [História dos Três Reinos]), representado com a cara vermelha própria dum herói corajoso e leal e empunhando a famosa alabarda das sete estrelas, muitas vezes acompanhado pelo general Zhang Fei, de rosto negro, e pelo Senhor do Estado de Wei 魏, Liu Bei 刘备, e Lan Caihe 蓝采和, patrono dos músicos;
- Luo Chou 罗祖 – patrono dos barbeiros;
- Tien Fu Yuan Shuai 田府元帅 – patrono dos actores;
- Zhang Tian Shi 张天师 – patrono dos exorcistas;
- Ma Shen 麻疹 – protectora contra a varíola;
- Jiang Tai Gong 姜太公 – protector contra todas as más influências.

Em religião popular são atribuídas às divindades moradas que podem ser templos, capelas, simples altares de rua ou mesmo altares domésticos. Todas elas têm igualmente fixados os dias dos respectivos aniversários, dias em que se realizam as festividades em sua homenagem (os *dan* 诞). Nestas datas deverão ser cultuadas pelos devotos que lhes oferecem incenso, tabuleiros com chá ou vinho (no caso de serem budistas ou tauistas respectivamente) e as mais diversas iguarias servidas em tigelas de sacrifício. Acendem-se velas vermelhas de sebo (*la zhu* 蜡烛) em sua honra e queima-se vestuário simbólico em papel colorido e xilografado bem como simulação de dinheiro sob a forma de sapecas em papel, imitações de papel-moeda, e ainda “papéis ouro-prata” dobrados com a forma de lingotes. Estes papéis rituais, aliás, não são oferecidos ao acaso pois, uma vez queimados nos grandes incensórios dos templos ou na rua, às portas das casas, pelas mãos de mulheres devotas, devem chegar aos seus destinatários transformados em fumo que, em volutas em direcção ao Céu, torna por vezes quase irrespirável o ar nas pequenas capelas. Estes rituais populares são uma evidente expressão de identidade comunitária, uma vez que os grupos de emigrantes continuam a praticá-los, ou pelo menos a respeitá-los, nos mais

diversos países de acolhimento, de acordo com os usos das regiões de onde são naturais.

A eficácia destes rituais depende, como é óbvio, da crença de quem os pratica. E isto porque cada pessoa escolhe a divindade mais respeitada na sua terra natal, pedindo-lhe protecção ou ajuda na resolução dos seus problemas, por ocasião de crises económicas, catástrofes naturais ou doenças, principalmente infantis. Quando os que pedem alcançam a graça pretendida, os chefes de família e em especial as mulheres, que são as suas principais zeladoras junto das divindades, oferecem-lhes grande quantidade de “incenso ardente” sob a forma de molhos de pivetes ou de grandes pivetes espirais que, nos templos, se suspendem do tecto, diante dos altares onde aquelas se encontram entronizadas. Pelas paredes e colunas dos templos colam também papéis votivos com agradecimentos, súplicas ou promessas mais ou menos expressas. E se a pessoa que pede uma graça é abastada, obtendo o favor que pediu num momento de grande aflição, além do incenso e de pivetes laudatórios, as oferendas são porcos inteiros assados, vistosos e caros painéis esculpidos em madeira ou pendentes de seda finamente bordados, à maneira de ex-votos para ornamentar os altares-residências do espírito protector que foi invocado e que ouviu as preces.

Dentro deste mesmo pensamento de “dom” e “reciprocidade” das boas relações entre pessoas tal como entre pessoas e divindades antropomorfizadas, são estas ofertas votivas, com frases de louvor, aquelas que também em caso de cura de doença difícil são oferecidas não só às divindades invocadas nos momentos de aflição mas também enviadas aos médicos, sob a forma de dísticos laudatórios sob as mais diversas formas.

De facto, em Macau, perdurava ainda nos anos 1970-80 este antigo uso.

Comparemos alguns destes dísticos que encontrámos no templo de Guan Yin em Macau com os que foram oferecidos ao Dr. António do Nascimento Leitão por curas difíceis obtidas e que se encontram no seu espólio legado ao Museu de Aveiro.

EXEMPLOS DE DÍSTICOS DO TEMPLO DE GUAN YIN GU EM MACAU

I. *Chang fan* (*cheong fan*) ou *heng ren* (*wang iam*)

Grandes bandeiras ou faixas em cetim sob a forma de estandartes, sanefas, cortinas ou frontais de

Par de *paibian* do Guan Yin Tang.

altar com pendentos em forma de gravata com dedicatória e o nome do ofertante, ostentando geralmente a meio frases laudatórias bordadas a fio de seda ou metalizado:

Dístico dedicado a Guan Yin

菩薩觀音 *pu sa Guan Yin*

大慈大悲觀音菩薩 *da ci da bei pu sa Guan Yin*

(toda bondade e toda misericórdia)

Noutro dístico bordado sobre cetim vermelho pode ler-se:

慈航普渡 *ci hang pu du*, isto é, socorre todos em geral, numa evocação da sua infinita misericórdia e popularidade.

II. *Seng bai* 圣拜 (dísticos de súplica e veneração)

São papéis votivos vermelhos sobre os quais os devotos escrevem as suas petições e que colam nas paredes dos templos ou nas colunas de suporte. Por vezes são substituídos por placas laudatórias em madeira pintada, gravada ou em talha dourada. São principalmente do tipo *paibian* 牌匾.

Seguem-se dois exemplos de placas votivas deste tipo, gravadas em madeira, formando um *dui* 对, o primeiro par suspenso das colunas da capela principal de Guan Yin Gu Miao 观音古庙 (Kun Iam Ku Miu) e o segundo, numa das paredes laterais, colocados frente a frente:

昭日月以为灯慈光普照 *zhao ri yue yi wei deng ci guang pu zhao*

布云雷而作雨恩泽咸敷 *bu yun yu er zuo yu eng ze xian fu*

O primeiro destes versos significa: “A luz que (Guan Yin) emite é mais brilhante do que a luz do Sol e da Lua; Pode assim iluminar toda a Terra com a luz da sua bondade”.¹

O segundo, que completa o primeiro, diz-nos: “Podendo comandar as nuvens e as trovoadas, para as transformar em chuva, pode beneficiar, assim, toda a Humanidade.”²

No vizinho templo dedicado a Guan Yin, o Guan Yin Tang 观音堂 (Kuan Iam Tong) em Mong Há 望夏 são muito mais numerosos os dísticos laudatórios de todos os tipos: *paibian*, *jinqi* 锦旗 e *jingkuan* 镜框.

Para comparação, apresentamos um dos pares de *paibian* da capela dedicada a este *pu sa* todo misericordioso, oferecido por um devoto de apelido Li 李 (Lei, em cantonense).

MEMORY AND IDENTITY / Cultural Anthropology

夙愿久当偿一片婆心超苦恼 *su yuan jiu dang
chang yi pian po xin chao ku nao*
和衷期共济十分严气判 阴阳 *he zhong qi gong
ji shi feng yen qi pan yin yang*

“Os desejos muito antigos recompensam todos os sofrimentos para [alguém] se livrar das preocupações [conseguir realizá-los]”.

“Em cada momento, quer seja feliz quer seja triste, a convivência harmoniosa serve para equilibrar rigorosamente o *yin* 阴 e o *yang* 阳”, isto é, para restabelecer a harmonia, o que pode corresponder a trazer a saúde e a felicidade, a realização de um desejo.

OS TIPOS DE PLACAS LAUDATÓRIAS E O ESPÓLIO

Não é de surpreender, pois, que no espólio do médico Dr. António do Nascimento Leitão legado ao Museu de Aveiro existam alguns dísticos laudatórios manifestando a gratidão de familiares de doentes agradecidos pelas curas difíceis realizadas por este médico à semelhança daqueles que, em momentos de angústia, uma vez recebida a graça pedida às divindades vão aos templos oferecer-lhes, para memória, testemunho do seu poder milagroso. A avaliar pelos vários painéis que constam do espólio deste médico aveirense e pela própria tabuleta do seu consultório, facilmente se pode constatar que tinha grande clientela de etnia chinesa. Na decoração destes dísticos laudatórios surgem, tal como seria de esperar, os mais diversos símbolos auspiciosos, principalmente relacionados com a saúde, com a harmonia e com a longa vida.

Vimos em Macau consultórios de médicos chineses cujas paredes estavam forradas de dísticos desta natureza, principalmente gravados em espelhos reluzentes.

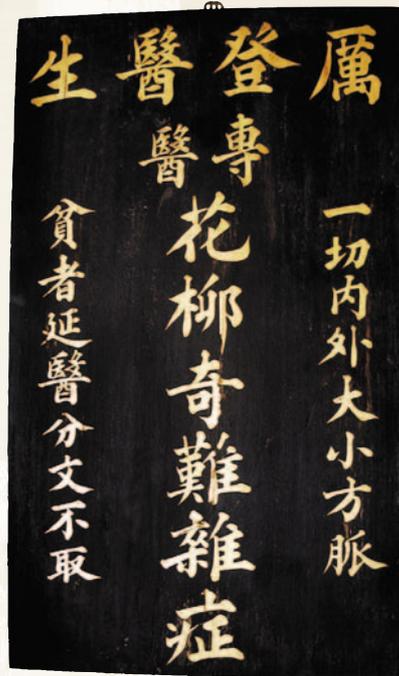
Aliás, os dísticos laudatórios oferecidos pelos chineses aos médicos em homenagem à sua competência e às suas virtudes são de três tipos diferentes, tal como já referimos ao descrevermos os que encontramos nos templos de Macau: *paibian*, *jinqi* e *jingkuang*.

De todos estes painéis oferecidos ao Dr. António do Nascimento Leitão quer gravados quer pintados, em madeira, em espelho (material auspiciosamente reflector de quaisquer “espíritos perniciosos”), em seda vermelha bordada sob a forma de sanefas e semelhantes às *heng ren* 横衽 (*wang iam*) dos templos e aos decorativos panejamentos usados em ocasiões festivas, o que nos despertou maior interesse foi o duplo painel dos espíritos promotores de longa vida, antropomorfizados, constituindo o equivalente a um bem imaginado *dui*³.

Como se pode concluir do que antes foi referido é que este uso ultrapassa uma forma de cortesia muito própria dos chineses. Se o objectivo é agradecer ao seu médico a recuperação da saúde, louvando a sua competência, a sua devoção, a sua benevolência – numa palavra, as virtudes que o pensamento confucionista exige a um bom médico –, representa também uma obrigação imposta pelo verdadeiro culto da “face” que, noutros tempos, se encontrava muito vivo em Macau e que ainda não se perdeu totalmente entre os chineses. O “dom” e a “reciprocidade” são, na realidade, um factor muito importante da sua etiqueta como elemento duma complexa rede social, na qual a “face” assume o seu pleno papel.

A presença destes painéis laudatórios nos consultórios médicos chineses era, pois, por assim dizer, pelo seu número, uma prova da sua arte de curar, que dava confiança aos seus clientes e atraía nova clientela. Por isso mesmo eram muito mais apreciados do que as próprias remunerações pecuniárias que recebiam. Davam a “face”⁴, o que não tem preço.

Os mais dignificantes destes dísticos são as placas laudatórias designadas *paibian*, gravadas em madeira mais ou menos preciosa com as frases laudatórias entalhadas ou com os sinogramas postos em realce por



Tabuleta do consultório do Dr. António Leitão:
“Doutor Leitão. Especialista. Trata todas as doenças internas e externas.
Trata todas as doenças sexuais e doenças difíceis e estranhas.
Os pobres não pagam”.



pintura em cores auspiciosas. Estes dísticos constam de frases congratulatórias acompanhadas de provérbios ou citações alusivas à prática médica ou às virtudes do médico a quem são dirigidas ou ainda metafóricos versos paralelísticos.

Em segundo lugar, são muito apreciados os *jinqi*, bambinelas ou sanefas de parede bordadas em seda adamacada, cetim ou brocado vermelho. Podem ter ou não franjas com artísticos cadilhos, sendo bordados a fios de seda policrômicos e fios de ouro ou dourados (com papel metalizado), dominando a cor amarela nos fios de seda com os quais são em parte bordados estes dísticos. Dísticos semelhantes, aliás, aos dos *paibian*.

O terceiro tipo consiste em modelos mais recentes, constituídos por painéis em madeira, seda ou papel, encaixilhados com vidro e molduras de madeira de teca ou pau-rosa, muito raramente verdadeiro pau-preto. Estes são conhecidos por *jingkuang*.

Os suportes destes painéis laudatórios encaixilhados eram, dantes, principalmente seda crua ou papel vermelho, sendo os dísticos bordados a fio de seda ou pincelados a vermelho, negro ou dourado em fina caligrafia, com tinta vermelha, purpurina dourada e, muitas vezes, tinta-da-china.

Mais tarde, com a vulgarização dos espelhos, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII, os *jingkuang* passaram a ser predominantemente realizados neste material, sendo os dísticos gravados e/ou pintados com tinta vermelha ou dourada e negra sobre fundo uniforme natural ou encarnado, podendo ter ou não moldura. Os mais elaborados apresentam desenhos gravados e coloridos de efeito verdadeiramente deslumbrante.

Os vidros espelhados, gravados e pintados, produzidos por uma técnica semelhante à ocidental, foram dos mais apreciados artigos de exportação tanto sob a forma de quadros de parede como para a decoração de móveis. Contudo, os espelhos mais antigos eram fabricados na China por meio de colocação de folhas finas de prata ou estanho sobre o vidro, sendo depois o desenho gravado sobre estas folhas e, finalmente, aplicadas as cores ou pigmentos coloridos misturados com cola ou, mais frequentemente, com tinta de óleo⁵. A fama da beleza dos espelhos pintados chineses era tal que, nos meados do século XVIII, eram exportadas

Dois painéis em pau-rosa, 1514x210 mm, com versos paralelísticos.

MEMORY AND IDENTITY / Cultural Anthropology

da Europa para a China placas de vidro espelhado para serem decoradas pelos pintores chineses⁶.

Não surpreende, aliás, que os espelhos tivessem passado a ser particularmente estimados para suporte dos painéis laudatórios pois, no imaginário popular da China do Sul, eram e continuam a ser considerados com poder esconjuratório, crendo-se que tinham o poder de afastar, por reflexão, os “maus espíritos” e as “más influências”, a energia negativa que entrava nos consultórios médicos e nas farmácias, onde pontificam médicos tradicionais mais ou menos famosos, com cada enfermo, portador do infortúnio resultante dos seus padecimentos.

No espólio do Dr. António Nascimento Leitão legado ao Museu de Aveiro e que se encontra guardado nas suas reservas encontramos, além de exemplares destes três tipos de placas laudatórias, um outro exemplar verdadeiramente original pela sua técnica de execução e no qual os versos paralelísticos ou os dísticos gravados ou pincelados são substituídos por símbolos antropomórficos de saúde e longa vida acompanhados por outros emblemas vegetalistas ou zoomórficos, considerados verdadeiros amuletos contra a doença e promotores de longevidade, felicidade e prosperidade.

OS DÍSTICOS LAUDATÓRIOS DO ESPÓLIO

PAIBIAN

Dois painéis com versos paralelísticos em paurosa com incrustações em madrepérola representando motivos florais e um par de versos:

梅花无语笑春风 *mei hua wu yu xiao chun feng*
 芸竹多情舞翠色 *yun zhu duo qing wu cui se*
 “As flores de ameixeira sorriem, silenciosamente,
 ao vento primaveril

As plantas [rasteiras] perfumadas dançam apaixonadamente entre a verdura matizada de cor”

Este par de versos, que se completam, revela grande erudição não só pela elegância da caligrafia mas também pela escolha dos sinogramas:

– As flores de ameixeira, símbolo da Primavera e do renovo primaveril, que desabrocham (sorriem) nas árvores no final do Inverno correspondem, em paralelo, a ervas perfumadas (plantas rasteiras que florescem no solo);

– A sorrir corresponde dançar (isto é, manifestando alegria);

– Primavera corresponde a vegetação verde e colorida (como as flores que então desabrochavam);

– Silenciosamente (em respeito, sossegadas) e apaixonadamente (agitadas, com energia) representam uma dualidade complementar muito feliz.

JINGQI

A este segundo tipo correspondem os panejamentos laudatórios em seda, dos quais existem no espólio do Dr. António Nascimento Leitão apenas três exemplares. Destes, só um deve ter sido mandado executar para lhe ser oferecido, uma vez que os outros não apresentam dedicatórias em seu nome. Aliás, os *jinqi* são muito apreciados pelos chineses e usados para enfeite de salas, suspensos do tecto ou ao longo das paredes, ou nos frontões das portas em ocasiões festivas.

Um deles foi oferecido ao médico macaense Dr. Carvalho e o outro tem uma dedicatória relativa à inauguração de um restaurante de nome “Miramar”.

O primeiro destes panejamentos *chang fan* 长幡 (bandeiras compridas, em tradução literal), semelhantes aos que existem nos templos budistas de Macau é uma sanefa ou bambinela em cetim vermelho (cor já desbotada por possível exposição prolongada à luz), de 3723x1090 mm (+25 mm de franja), bordada a seda e a fio laminado de papel dourado, debruada com galões de seda feitos em tear aplicados em seis séries e dois pendentes sobrepostos em cetim verde-água. Um dos galões é decorado com pequenos espelhos auspiciosos aplicados a ponto de luva. O galão mais largo é inteiramente bordado com fio metalizado dourado com motivos simbólicos de felicidade, longa vida e fertilidade: flores, morcegos, borboletas e romãs. A franja em seda vermelha remata uma banda de cadilhos em forma de renda de lérias com pequenas esferas entretecidas com fio metalizado.

O forro é de algodão estampado com decorações geométricas e vegetalistas.

Ao longo deste panejamento pode ler-se:

湛恩汪涉 *zhan en wang sui* (Uma benevolência imensa como o mais profundo dos oceanos).

Todo o pano de seda vermelha é decorado com motivos vegetalistas. Os dois pendentes em cetim verde em forma de gravata, são agaloados e bordados a fio dourado laminado, apresentando um morcego estilizado em cada uma das extremidades.

MEMÓRIA E IDENTIDADE / Antropologia Cultural

Nestes pendentes podemos ler as seguintes dedicatórias bordadas a fio dourado laminado:

Pendente da esquerda:

水师营大医官贾华路大人德政 *shui shi ying da yi guang jia hua lu da ren de zheng* (Em louvor das virtudes do distinto médico Carvalho⁷ [Ká Wá Lou, em cantonense] do Batalhão do Perpétuo Mestre [Príncipe Regente]).

Pendente da direita:

光绪二十二年季春吉日闔澳镜湖医院众绅上等顿首拜頌 *guangxu er shi er nian ji chun ji ri he ao jing hu yi guan zhong shenshang deng shou bai song* (Oferecido num dia auspicioso da Primavera de 1896 pelos notáveis do Hospital Jing Hu [Kiang Wu])

No pendente da direita foi bordado a fio de seda amarela uma inscrição adicional:

粤东新胜街万盛造 *yue dong xin sheng jie wan sheng zao* (Executado pela firma Wan Sheng de Cantão)

É de notar que este *jinqi* é o que mais se assemelha, devido aos seus pendentes e ao seu dístico, que pelo seu sentido pode referir-se igualmente à divindade budista mais invocada em Macau, a compassiva Guan Yin, aos que se encontram nos templos budistas de Macau, oferecidos às divindades e datados dos fins do século XIX / princípios do século XX.

O segundo, rectangular, é em cetim vermelho escuro, bordado a fios de seda policrómicos e fios metalizados dourados, representando os Oito Imortais tauistas.

Nas duas extremidades estão bordados dois pavões, voltados para o interior, entre motivos florais e, a meio, em quatro medalhões circulares de contorno ondulado, o dístico laudatório:

药到回春 *yao dao hui chun* (Ao chegarem os medicamentos [cuidados médicos] regressa a Primavera, o que significa: medicamento aplicado, saúde recuperada).

Do lado direito pode ler-se a dedicatória:

历登大医生雅鉴 *Li Deng da yisheng ya jian* (Dedicado respeitosamente ao médico Li Deng [Leitão]).

Do lado esquerdo, 叶籍新题 *Ye Jixin ti* (Ye Jixin [nome do ofertante] dedica).

Os pavões são emblemas de nobreza, altos cargos e, daí, prosperidade. Tais motivos são frequentemente usados para oferecer aos estudiosos, formulando um voto: “Que a prosperidade intelectual progrida como o abrir da cauda dum pavão.”⁸

Entre os medalhões vêem-se finamente bordadas as figuras dos Oito Imortais tauistas, grupo por excelência auspicioso:

Dois pormenores do *jinqi* (750x3480 mm) com os Oito Imortais.



MEMORY AND IDENTITY / Cultural Anthropology

– Lu Dongbin 吕洞宾, com as suas emblemáticas castanhetas. De acordo com o tauismo popular teria sido, em vida, um letrado famoso e discípulo de Han Zhongli 汉钟离;

– Han Zhongli, com a sua emblemática ventarola. Teria vivido na dinastia Zhou (1046-256 a. C.) sendo um mágico de grande virtude, pois conseguiu encontrar o elixir da longa vida;

– Han Xiangzi 韩湘子, transportando ao ombro o seu emblemático cesto de flores. É o patrono dos floricultores e floristas;

– Lan Caihe, tocando flauta. É um dos patronos dos músicos;

– Tie Guaili 铁拐李, um dos patronos da medicina com a sua muleta e cabaça com medicamentos;

– He Xiangtu 何仙姑, patrona das donas de casa, transportando ao ombro uma flor de lótus de grandes dimensões. Teria sido, na sua vida terrena, uma donzela de Hunan 湖南 onde teria vivido no tempo da imperatriz Wu Ze Tian 武则天 (685-705);

– Zhang Guolao 张果老, acompanhado por uma mula e um instrumento musical em bambu;

– Cao Guojiu 曹国舅, com o seu emblemático enxota-moscas de exorcista.

Toda a faixa de cetim está profusamente decorada com pequenos espelhos esconjuratórios e outros símbolos auspiciosos, bordados a seda e fio metalizado, representado borboletas e motivos florais emblemáticas da estação primaveril.

Este panejamento é decorado com galões aplicados apresentando um deles, bordados em forma de cercadura, os emblemas dos Oito Imortais, repetindo-se as cabaças, ventarolas, flores de lótus e castanhetas. Remata o conjunto uma franja de seda com cadilhos finamente entretecidos.

Este é o único dos três panejamentos laudatórios que foi bordado e oferecido como homenagem ao Dr. António do Nascimento Leitão.

O terceiro panejamento é uma sanefa de cetim vermelho-carmim de 4030x910 mm bordada a fios de seda frouxa policrómicos e fio laminado de papel dourado (já bastante oxidado), decorado em baixo e dos lados com um duplo galão. O primeiro galão apresenta finamente bordados uma série de pequenos espelhos esconjuratórios circulares e o mais largo é decorado com suásticas (emblemáticas de longa vida) e *panchang* 盘缠 estilizados (um dos oito emblemas budistas que também corresponde à ideia de “sem princípio nem fim”, representando, pois, um voto de felicidade e longa vida.





“Do Ocidente veio aliviar o sofrimento”,
jingkuang oferecido por Lu Lianruo.

Nas duas extremidades deste panejamento estão representados dois magistrados chineses em traje de corte no estilo da dinastia Ming com os seus ceptros em forma de *juyi* 如意, bordados a seda e fio de ouro e voltados para o centro.

A meio pode ler-se, da direita para a esquerda:
大展鸿图 *da zhan hong tu* (um futuro próspero)

À direita (de baixo para cima): 观海大酒楼新
张之喜 *guan hai da jiu lou xin zhang zhi xi* (por ocasião
da inauguração do grande restaurante “Olhando o mar”
[Miramar]).

À esquerda (na vertical): 合胜堂 *he sheng tang*
(oferta da firma He Sheng [Pavilhão da Harmonia]).

JINGKUANG

No espólio do Dr. António Nascimento Leitão existem também três dísticos laudatórios neste estilo. Um é um quadro em seda crua aplicada sobre madeira de pinho encaixilhada em madeira de teca. Bordados a fio de seda vermelha, a cheio, sem enchimento, quatro grandes sinogramas dominam o conjunto:

西来和缓 *xi lai he huang* (do Ocidente veio aliviar o sofrimento ou [dedico] ao que veio do Ocidente [para] aliviar o sofrimento).

Em baixo está descrita, em estilo caligráfico muito delicado, bordado a fio de seda preta muito fino, a cura realizada pelo Dr. Nascimento Leitão, razão desta dedicatória em sua homenagem.

“A minha mulher sofria de dores abdominais há já 18 anos, na sequência de um aborto. As dores persistiam e eram muito fortes, provocando-lhe grande sofrimento. Antes da vinda do Dr. Leitão consultámos vários médicos dos mais famosos da medicina chinesa e da medicina ocidental. Mas sem quaisquer resultados, esgotando-se a possibilidade de se obter a cura.

No verão deste ano o médico (Leitão) tratou-a durante uma semana e (ela) ficou aliviada das dores que a torturaram durante 18 anos. Agora já está muito melhor.

Dedico (estas palavras) ao Dr. Leitão para que as tenhamos sempre presentes (para que perdurem como testemunho de gratidão).

Do punho e letra (caligrafia) de Lu Lianruo (Lu Lim Iok)”.
Do lado esquerdo consta a data e o nome do ofertante:

庚申仲秋卢廉若拜頌 *geng shen zhong qiu Lu Lianruo bai song* (Outono do ano *geng shen* 庚申 [1934], oferecido por Lu Lianruo [Lu Lim Iok]).

Do lado direito pode ler-se:

厉登大医生雅鑒 *Li Deng da yisheng ya jian*
(dedicado ao grande médico Li Deng).

MEMORY AND IDENTITY / Cultural Anthropology



Painel (575x1397 mm) em vidro pintado.

É de notar que este ofertante era o comendador primogénito do patriarca da mais abastada e conhecida família chinesa de Macau nos princípios do século XX, a do milionário Lou Kau 卢九⁹.

O segundo painel apresenta uma pintura sobre espelho, encaixilhado sobre madeira de entena forrada de papel e com moldura em madeira de teca. O vidro espelhado está pintado com tinta de óleo vermelha com cercadura gravada e pintada com motivos vegetalistas. A meio estão gravados quatro grandes sinogramas pintados a dourado:

力可回天 *li ke hui tian* ([tal como] o Céu, tem força para poder salvar os moribundos, isto é, [este médico] é capaz de curar doenças incuráveis).

Em cima, em português, a seguinte dedicatória:

“Ao distinto médico
Exmo. Dr. António Nascimento Leitão
Em testemunho de indelével gratidão
e reconhecimento
of. Chan-Ham-Ng'in
(Gerente da firma Sang-Iec)
Macau, Dezembro de 1927”

Do lado direito está o motivo da oferta e uma frase dedicatória:

历登大医生雅鑒 *Li Deng da yisheng yajian*
(Respeitosa homenagem (ao) grande médico Leitão).

“Adoeci com muita expectoração e por causa dela perdi a fala. Agonizei durante dois dias e os médicos não faziam ideia (do que eu padecia). O Sr. [Leitão] veio a minha casa e eu recuperei completamente a fala.

O Dr. Leitão tem, seguramente, capacidade para salvar um moribundo.

Do lado esquerdo lê-se a dedicatória e a data:

一九二七年十二月吉日生益医园司理人陈谦贤拜题 *yi jiu er qi nian shi er yue ji ri sheng yi yi yuan si li ren chen diexian bai ti* ([é] com muito respeito que gravei estas palavras para perpétua a memória, dia auspicioso¹⁰ de Dezembro de 1927).

Consta ainda deste grupo de painéis laudatórios um outro grande painel em espelho, que é o mais vistoso de todos eles. Mede 1407 x 590 mm e está emoldurado com caixilho de madeira que aparenta ser pau-rosa. A decoração e os dísticos são gravados e pintados primorosamente, representando flores de lótus, folhas emergindo da água e um casal de patos-mandarins nadando num lago (emblema de casamento feliz e de união e perpetuidade familiar). Em cima apresenta uma dedicatória em português:

“Ao Exmo. Sr. Dr. A. Nascimento Leitão
Com os agradecimentos
(de) Iu Kok Fan

E em baixo, escrito em chinês, pode ler-se:

Respeitosamente dedicado ao Dr. Leitão, médico miraculoso, vindo de fora com boa reputação espalhada por Macau. Virtuoso e capaz de chamar de volta os anos primaveris. Cura (enfermos) de doenças internas e externas (tanto de doenças internas como externas).

Dedicado por Mao Yn, aliás, Guo Xun Xun.”

MEMÓRIA E IDENTIDADE / Antropologia Cultural

SHOU XING GONG E MAGU

Estes dois painéis representam Shou Xing Gong e Magu, divindades do panteão tauista que, em paralelismo, correspondem aos dois princípios fundamentais *yang / yin*, a dualidade cósmica que em justa união é o símbolo de perfeita harmonia.

O simbolismo destas figuras ultrapassa, porém, este conceito, pois ambas são emblemas de longevidade, apesar de ser a “harmonia” a ideia essencial da saúde em medicina chinesa.

Estes quadros têm ainda uma outra singularidade: foram executados numa técnica de aplicação de retalhos de algodão e seda pintados sobre cartão fino com enchimento de panha ou sumáuma da China, um trabalho manual em que eram exímias as mulheres chinesas, principalmente das comunidades rurais, que decoravam as suas casas e faziam brinquedos para as crianças usando este trabalho antigo, transmitido de mães para filhas.

Este conjunto, que escapa ao estilo dos painéis laudatórios mais frequentes nos consultórios dos médicos chineses de Macau, é, quanto a nós, o mais original e o mais rico em simbolismo. Embora sem quaisquer palavras, este painel duplo corresponde, no seu significado, a uma perfeita parilha de versos paralelísticos.

A beleza e a originalidade deste par de quadros só poderá avaliar-se se os analisarmos pormenorizadamente.

Shou Xing Gong é uma divindade estelar tauista conotada com o Pólo Sul, promotora da paz e da longa vida¹¹. Corresponde à estrela Canopus da antiga constelação Argus e integrada hoje na constelação Carina. É representado sob a forma dum ancião com uma vetusta barba branca e cuja cabeça é exagera-

damente grande. Alguns autores japoneses consideram esta exagerada cabeça, pela sua semelhança com o órgão reprodutor masculino, um outro símbolo de vida. Para os chineses tauistas em geral é na cabeça que Shou Xing Gong armazena os fluidos vitais masculinos e, daí, a sua forte “energia positiva”, fruto da sua abstinência e ascetismo. É geralmente acompanhado pela criança que se vê sentada sobre o joelho direito e que lhe oferece um pêssego de grandes dimensões, fruto simbólico de longevidade. Este pêssego está relacionado com o mítico éden tauista dos montes Kun Lun 昆仑山,

residência da “rainha-mãe do Ocidente”, figura que, no imaginário popular, é soberana de todos os demais imortais que povoam o seu imenso panteão e que hoje se crê ser um vestígio de arcaicas práticas de xamanismo asiático. Esta figura poderosa de mulher parece corresponder, também, a uma antiga chefe clânica da Ásia Interior relacionada com as práticas xamânicas que teriam influenciado os rituais do xamanismo coreano bem como o festival japonês da “Suprema Divindade” feminina Maturi.

Além do pêssego, a criança que acompanha Shou Xing Gong segura um *pei* 佩 em jade (símbolo do Céu) que data do Neolítico chinês, com os oito trigramas divinatórios e esconjuratórios atribuídos a Fu Xi 伏羲 gravados¹².

Shou Xing Gong segura na mão direita um grande pêssego com duas folhas, comprovativo de ser

um pêssego fresco e ressumando vida. Sobre o fruto está representado um morcego vermelho com um par de sapecas o que, no seu conjunto, corresponde à frase *fu lu shou quan* 福祿壽全, isto é, “felicidade, riqueza (prosperidade) e longa vida ao mesmo tempo”. Na mão esquerda empunha o seu cajado terminado por uma cabeça de corça (o que, por homofonia, simboliza um voto de prosperidade, voto que é reforçado pelo pendente de jade lembrando um colmo de bambu, formulando o desejo de perenidade, isto é, uma longa vida). Do ombro, a partir de um pequeno capelo



Painéis (1603x840 mm e 1606x745 mm), representando Magu e Shou Xing Gong.

MEMORY AND IDENTITY / Cultural Anthropology

vermelho decorado com o sinograma *shou* 寿 (longa vida) estilizado pende, presa por duas estreitas bandas de seda carmim, uma cabaça, um dos emblemas da medicina e também de saúde e longevidade, já que era nas cabaças que, dantes, se guardavam os medicamentos. Esta figura é, aliás, uma das Três Estrelas tauistas antropomorfizadas do grupo auspicioso das “Estrelas da Felicidade”, muito do agrado das populações do Sul da China.

Conta a lenda que, em vida, Shou Xing Gong era um jovem de nome Zhao Yan 赵燕, destinado a morrer quando perfizesse 19 anos. Este prognóstico foi feito por um famoso “adivinho” (leitor de sinas). Porém, como recompensa da sua vida virtuosa, na data do seu 19.º aniversário, o número 19 passou para 91 por troca dos algarismos, atingindo assim uma idade provecta mantendo o seu vigor juvenil.

Shou Xing Gong é acompanhado pela sua montada, a corça malhada, neste caso branca.

A corça malhada (*lu* 鹿), por vezes confundida na iconografia com o cervo e com o gamo, para além de símbolo de promoção social e riqueza, pela homofonia com *lu* 禄, emolumentos dos mandarins, é também um emblema de imortalidade não só por ser considerada a montada de Shou Xing Gong mas ainda porque vive muitos anos por ser o único animal capaz de encontrar o *lingzhi* 灵芝, o fungo da longa vida, que, supostamente, vegeta no palácio do Pólo Sul¹³, residência daquele espírito estelar.

De acordo com *Sima Qian* 司马迁 (c. 145-87 a. C.) em *Shiji* 史记 (Memórias Históricas), um imperador da dinastia Han utilizava, como moeda, a pele destas corças cortada em quadrados. Estas “moedas” eram usadas na corte com elevado valor mas acabaram por ser substituídas pelo mesmo imperador por moedas metálicas.

No painel complementar do que representa Shou Xing Gong, existente no Museu de Aveiro, está

representada Magu, outra divindade tauista promotora de longevidade o que, em paralelo com aquele, por ser do sexo feminino, completa a dualidade *yin / yang*, os dois “princípios contrários” de cuja complementaridade em união resulta a harmonia. E a “harmonia” é para os médicos chineses, como já se disse, o conceito fundamental da saúde assim como o é também da paz universal. Muitas vezes, na mesma representação iconográfica, Shou Xing Gong é acompanhado pela jovem e bela Magu que transporta uma bandeja com o vinho da eterna juventude, beleza e saúde, um grande prato com pêssegos ou, ainda, um grande e vistoso cesto cheio de pêssegos do jardim de Xi Wang Mu¹⁴, a rainha-mãe do Ocidente, pêssegos que, seguindo o tauismo popular, frutificam de 3000 em 3000 anos e conferem a imortalidade a quem os conseguir obter.

Magu é um *xian*, uma das poucas divindades femininas tauistas muito populares entre os chineses. São várias as lendas conhecidas acerca desta divindade.

Teria sido na sua vida terrena uma jovem muito bela que, pelas suas virtudes, adquiriu poderes sobrenaturais. Como ser sobrenatural em que se tornou teria vivido 10000 anos e percorrido três vezes o “oceano Ocidental”.

Na iconografia popular surge transportando ao ombro um bambu do qual pende um cesto com pêssegos ou com flores, principalmente peónias¹⁵, sendo

acompanhado por um rapazinho que transporta um pêssego de grandes dimensões.

O cabelo é penteado num grande tufo ou caído em feixe pelas costas até à cintura. Muitas vezes é representada como acompanhante do próprio Shou Xing Gong ou da própria Xi Wang Mu.

São várias as lendas sobre Magu.

Dessas lendas, a mais conhecida conta que teria sido na sua vida terrena uma jovem que viveu no tempo do imperador Xiao Hengdi 孝桓帝 dos Han Orientais (147-168 d.C.) e que era admirada pelas suas belas e



MEMÓRIA E IDENTIDADE / Antropologia Cultural



Magu, transportando um prato com um pêssego e um *lingzhi*, aproxima-se de uma mesa onde estão Lu Xing e Fu Xing, in *L'imagerie populaire chinoise*, Éditions d'Art Aurora, S. Petersburgo. 1988.

longas unhas. Uma noite, durante um banquete, o seu anfitrião ficou obcecado com a ideia do prazer que sentiria com o roçar dessas longas e belas unhas daquela jovem massajando as suas costas. Para castigo deste pensamento indecoroso, foi violentamente sovado por um chicote invisível. Desta lenda advém o dito: “tão aprazível como ser coçado por Magu”.

Desde então, para a imitarem, muitas mulheres, inclusivamente as damas do palácio imperial, teriam passado a usar unhas compridas protegidas ou prolongadas por dedais de prata ou ouro filigranado, decorados com pedras preciosas ou semi-preciosas. De acordo com a mesma tradição lendária vulgarizou-se entre o povo o uso duma mãozinha de bambu, madeira ou mesmo marfim para o prazer de coçar as costas¹⁶.

De acordo com as fontes chinesas referidas pelo Pe. Henri Doré¹⁷, são três as versões lendárias sobre a divindade tauista Magu.

A primeira descreve Magu como uma jovem nativa de Yan Chengxian 炎城县 em Shandong 山东, que teria vivido no tempo do imperador Xiao Hengdi.

Dali teria ido habitar na prefeitura de Jian Chang 建昌 em Jiangxi 江西. Mais tarde, refugiou-se no cume da montanha mais alta desta região onde se manteve em eremitismo, dedicando-se ao estudo das artes mágicas. Teve por mestra Miaogu 藐姑, imortal tauista que gostava de viver na montanha Xiang Shan 象山 (Montanha do Elefante), assim chamada por possuir um rochedo semelhante a uma tromba de elefante. Até há poucos anos existia próximo deste pico uma outra rocha modelada pela erosão que lembrava uma mulher sentada.

O povo da região chamava a essa pedra “dama em pedra branca”, admitindo representar a própria figura de Miaogu, tida por milagrosa, pois concedia graças suplementares àqueles que a veneravam.

Em 153 d. C. Miaogu voltou a visitar a sua Montanha do Elefante e exclamou ao chegar:

“Eis o objectivo da minha viagem. O terceiro filho de Wang Kiao 王乔 ou Wang Cheng 王称, um homem virtuoso que veio a optar pelo eremitismo na montanha Tai 泰¹⁸, de nome Wang Qing 王青, encarnou nas regiões do Mar Oriental com o nome de Wang Fang Ping 王方平. Eu sou a mestra da imortal

MEMORY AND IDENTITY / Cultural Anthropology

Magu que foi à ilha de Penglai 蓬莱¹⁹ e acabo de regressar do Ocidente. Sei que ela mantém com Wang Qing laços de fraternidade e deseja viver na sua companhia como irmã e fazer-se acompanhar por ele nas suas longas viagens de muitos anos. Ele já partiu há muito e logo que ela regresse voltarei eu para a minha morada do Norte”.

Na segunda versão, igualmente registada pelo Pe. Henri Doré, Magu teria vivido no reinado de Shi Le 石勒, fundador da dinastia dos Zhao Posteriores em 330.

O seu pai, de nome Ma Huqiu 麻胡秋, era um general muito rigoroso e até cruel. Incumbido pelo imperador de construir a nova cidade de Xi Ling 西陵, obrigava os seus súbditos a trabalhar dia e noite, não lhes permitindo descansar senão ao primeiro canto do galo.

Magu, sua filha, era boa e compassiva e, condoída com o sofrimento dos trabalhadores a caírem de fadiga, imitava mais cedo o canto do galo. Todos os galos da vizinhança começavam a cantar ao ouvi-la e os trabalhadores iam descansar.

A princípio, esta artimanha teve pleno sucesso. Mas o pai acabou por descobrir o logro e ameaçou chicoteá-la. Aterrorizada, porque conhecia a dureza do pai, Magu refugiou-se na gruta de Xian Gu 仙姑 onde viveu eremiticamente. Em memória deste acontecimento, a nova cidade recebeu o nome de Macheng 麻城 (cidade muralhada de Ma). Esta cidade situa-se na sub-prefeitura de Huangzhou 黄州, em Hubei 湖北. A norte desta cidade existe uma ponte de pedra onde, segundo a lenda, Magu, alcançada a imortalidade, se elevou ao Céu.

Segundo alguns autores taoístas esta segunda Magu não seria mais do que um avatar da primeira, que encarnou na família Ma para corrigir aquele feroz general da sua exagerada severidade.

Ao atingir a idade de 12-13 anos era uma jovem de extraordinária beleza e tinha já a maturidade de uma mulher adulta.

O general seu pai adorava-a, chamando-lhe “a minha pequena Magu”. No entanto, ficava furioso quando ela o exortava a tornar-se mais humano para com os seus subordinados.

Ao ser descoberta, fugiu para a gruta de Dan Xia 丹霞 ou Xian Gu, na montanha do Luo Shan 罗山, perto duma cascata. Encontrou ali o Grande Mestre Wen Shou 文殊 que lhe ensinou o “grande segredo da imortalidade” e onde depois o seu irmão de adopção,

Wang Fang Ping, a procurou para lhe lembrar que ela fora já um *xian* (imortal) numa vida anterior.

Magu inventou, nessa altura, uma poção alcoólica de gosto excepcional e, como filha piedosa, voltou para casa do pai, oferecendo-lhe a poção. Este velho general continuava desgostoso pela ausência da sua filha que muito amava e, por ter chorado tanto ao tê-la perdido, acabara por cegar. Porém, mal provou o licor que ela lhe oferecia recuperou imediatamente a vista.

A jovem em breve se despediu para partir de novo, não dando ouvidos aos reiterados pedidos do

Os três espíritos estelares, Fu Xing, Lu Xing e Shou Xing Gong, numa pintura de Chen Zhi 陈字 (1708).



MEMÓRIA E IDENTIDADE / Antropologia Cultural

pai para que continuasse junto dele. Então, o infeliz general seguiu-a até à ponte de pedra situada a norte da cidade e aí assistiu à subida da filha em direcção ao Céu, montada numa ave de grandes dimensões. A partir daí, aquela ponte recebeu o nome de “Ponte da Ascensão da Imortal” e ali foi construído, em memória de Magu, um pequeno pavilhão que ficou conhecido por pavilhão do “Voo da Imortal”.

Entretanto Magu foi residir nos montes Kun Lun, no maravilhoso palácio de Xi Wang Mu, possível fonte de muitos dos contos de fadas e de príncipes e princesas encantados que povoam o imaginário de muitas crianças ocidentais.

A terceira versão lendária sobre Magu situa-a na dinastia Song do Norte (960-1127). Teria vivido durante o reinado de Song Hui Zong 宋徽宗, no período Chonghe 重和, entre 1111 e 1118. Esta jovem teria nascido em Jian Chang, em Jiangxi, vivendo em eremitério no monte Ma Yu 麻余 em Shandong. Um decreto imperial concedeu-lhe a honra de “mulher ideal” (*zhen ren* 真人) ou mulher recta ou nobre, de acordo com a moral confucionista.

O livro *Shenxianzhuan* 神仙传 (Biografia das Divindades), do célebre mestre tauista Ge Hong 葛洪 (288-364), que viveu na dinastia Jin do Leste, apresenta uma descrição mais pormenorizada sobre esta jovem que se tornou *xian*.

De acordo com este autor, que registou as histórias mais conhecidas sobre Magu, a mais interessante refere-se ao seu encontro com o *xian* Wang Yuan 王元, aliás Wang Fang Ping, depois de ter atravessado o Mar Oriental três vezes e presenciado o fenómeno do “mar virar terra” e de “a terra tornar-se mar”, o que deu origem aos provérbios *cang hai sang tian* 沧海桑田²⁰ e *dong hai yang chen* 东海扬尘²¹.

Aliás, esta lenda corresponde àquela que o Pe. Henri Doré registou ao situar esta personagem na dinastia Han.

Durante o reinado de Xiao Hengdi, o imortal de nome Wang Yuan desceu à Terra e dirigiu-se à casa de Cai Jing 菜经 ao som de tambores dourados e de flautas de bambu. Wang Yuan era um homem de estatura média, barba rala, pele amarela, chapéu de viajante e traje vermelho com uma faixa de cinco cores de onde pendia uma espada. Viajava num carro feito de penas conduzido por cinco dragões de diferentes cores, as cores do arco-íris²². Os tocadores

levavam consigo um *qilin* 麒麟²³. Wang Yuan era imponente, com a postura dum marechal. Os oficiais da sua escolta, que tinham uma estatura de mais de um *zhang* 丈 (c. 3,33 m) formaram alas no pátio da casa.

De súbito, estes oficiais desapareceram e ninguém logrou saber para onde haviam ido. Só Wang Yan e a família de Cai Jing ficaram no pátio da casa com o seu visitante. Muito tempo depois, Wang Yuan mandou um mensageiro convidar Magu para se lhes juntar. Antes, ensinou ao mensageiro o que devia dizer àquela divindade:

“Wang Yuan cumprimenta Magu. Há muito tempo que não venho à Terra. Hoje ficarei por cá e quero saber se Magu poderá vir encontrar-se comigo”.

A família de Cai Jing ouviu o recado mas não sabia quem era Magu.

Pouco tempo depois, o mensageiro voltou, mas não vinha acompanhado pela divindade convidada. Apenas se ouviu uma voz harmoniosa dum ser invisível que disse:

“Magu cumprimenta! Já há mais de 500 anos que não nos vemos. Foi-me dada a missão de inspecionar Penglai e é para lá que vou agora. Quando voltar, virei encontrar-me convosco”.

Decorridas cerca de quatro horas Magu chegou, enfim, à casa de Cai Jing ao som do tropel de cavalos e de música de flautas de bambu e de tambores. Era seguida por menos de metade dos oficiais que haviam acompanhado Wang Yuan (considerado um *xian* da mais elevada hierarquia). Cai Jing e os seus familiares cumprimentaram-na respeitosamente.

Magu era uma rapariga bonita, aparentando ter a idade de 17 ou 18 anos, com belos cabelos negros penteados em nó sobre a cabeça e os restantes soltos sobre os ombros, descendo-lhe pelas costas até à cintura. As suas vestes não eram de seda mas dum tecido muito brilhante com lindos floreados.

Magu cumprimentou Wang Yuan com reverência e este ordenou que fosse preparado um copioso repasto, que, como por encanto, foi servido em baixela de ouro e em copos de jade. A ementa consistia numa diversidade culinária confeccionada com várias flores e frutos e por isso o ar tornou-se imediatamente perfumado tanto dentro como fora de casa. Alguns autores registaram que foi, também, servida carne fumada de *qilin*.

Magu começou a falar dizendo que ao partir para ali atravessara três vezes o Mar Oriental e há muito

MEMORY AND IDENTITY / Cultural Anthropology

Magu	Shou Xing Gong
Figura feminina (<i>yin</i>) Elemento feminino promotor de longa vida Criança com túnica azul (<i>yin</i>) oferecendo um pêsego e um <i>pi</i> com os triagramas de <i>Fu Xi</i> gravados	Figura masculina (<i>yang</i>) Elemento masculino promotor de longa vida Criança com túnica cor de rosa viva (<i>yang</i>) oferecendo um pêsego e um <i>pi</i> com os triagramas de <i>Fu Xi</i> gravados
Túnica lilás e rosa – saia verde-água (cores complementares) Acompanhada por um grou (animal de penas), emblema de longa vida e que é considerado a sua montada	Túnica verde-água sobre túnica vermelha (cores complementares) Acompanhado por uma corça (animal de pêlo), emblema de prosperidade e que é considerado a sua montada
Cesto com pêsegos da imortalidade	Cajado com elementos simbólicos de longa vida e uma cabaça, emblema de saúde

pouco ainda deixara Penglai. Viu, então, que a “água do mar baixara muito. Seria que a água se transformara em montanhas e em terra firme outra vez?”

Ao ouvi-la, Wang Yuan riu, dizendo: “Os sábios da Antiguidade também disseram que o mar podia levantar poeira”.

Magu pediu então um pouco de arroz e deitou-o ao chão. O arroz transformou-se em pérolas. Em presença deste passe de magia da sua convidada. Wang Yuan riu de novo, dizendo: “Magu é ainda jovem, mas eu já estou velho e não gosto de competir assim”²⁴.

Depois do banquete, Wang Yuan e Magu subiram de novo ao Paraíso dos Imortais acompanhados por música sobrenatural, tal como haviam descido à Terra antes.

De acordo com outras fontes, estes dois “imortais” eram amigos de há milénios e este seu encontro teve lugar depois de não se terem encontrado durante muitos séculos.

O facto de Magu ter visto três vezes o mar virar terra significa que ela tinha logrado a imortalidade há muito tempo. Daí ser tida como um emblema de longevidade e promotora de longa vida.

A relação de Magu com a já citada Xi Wang Mu é também várias vezes citada na poesia e na literatura chinesas.

Xi Wang Mu, soberana dos imortais tauistas, celebra o seu aniversário na 3.^a lua. E todas as

divindades vão cumprimentá-la no seu palácio de jade, pérolas, corais e outras pedras preciosas e semi-preciosas nos montes Kun Lun. Um dia, quatro espíritos imortais das flores convidaram Magu para ir com eles a esta festa. Como seria de esperar estes espíritos Imortais ofereceram as suas próprias flores a Wang Mu. Magu, porém, não tinha flores para oferecer, mas deu a Wang Mu como presente uma fiola com o “licor da longa vida” feito de *lingzhi*²⁵, o mesmo licor que teria dado ao seu pai para o curar da cegueira. A partir daí, Wang Mu conferiu a Magu o título de divindade “imortal da longa vida”. Esta é a origem duma pintura que ficou famosa, intitulada: “Magu dá os parabéns a Wang Mu”.

Demonstrado o valor simbólico das figuras dos mais originais *jingkuang* do espólio do Dr. António Nascimento Leitão, analisemos comparativamente (ver quadro) a título de remate, os elementos emblemáticos que tornam estes dois quadros complementares, à semelhança dos versos paralelísticos, os tão apreciados *dui* dos chineses eruditos, como atrás foi referido.

Ambos apresentam na decoração dos seus trajes filas de suásticas, um emblema budista da imortalidade²⁶.

Estes dois painéis foram executados de acordo uma original técnica de aplicação de tecidos recortados sobre um suporte de papel gomado e com enchimento de panha, técnica artesanal ainda muito popular na China dos nossos dias.

MEMÓRIA E IDENTIDADE / Antropologia Cultural

CONCLUSÃO

A cultura chinesa é específica e profundamente original. Isto não significa que ela não tenha conhecido uma dinâmica interna e sofrido influências dos contactos com outras culturas e daí se tenha enriquecido com elementos importados.

Com efeito, a maior especificidade desta cultura reside no domínio linguístico e no sistema de referências do seu imaginário colectivo, que não tem equivalência nos conceitos ocidentais. Isto reflecte-se principalmente na incapacidade de tradução de muitos termos tais como *qi* [hei 气 em cantonense], *gui* [鬼 kwâi, em cantonense], *xian* [仙 sien, em cantonense] *shen* [神 san em cantonense] e ainda nos diferentes e complexos sistemas de religião popular.

Daí, que as referências simbólicas que utilizamos neste texto sejam aproximadas e não rigorosas. E isto porque, mesmo entendida a essência dum símbolo, traduzir o seu significado é muitas vezes impossível porque implica uma rede muito complexa

de conceitos interligados e, por vezes, sem uma lógica imediata.

Impossível, também, é traduzir em palavras os significados mais profundos das ideias de “face”, de “dom” e “reciprocidade” e, ainda, a integração do microcosmos no qual se inclui a humanidade no macrocosmos universal. E a verdade é que é a partir do conhecimento destes antigos valores subjacentes, que sobrevivem na filosofia de vida de muitos chineses, que é possível compreender os dísticos laudatórios oferecidos ao coronel médico aveirense Dr. António Nascimento Leitão e legados ao Museu da sua terra natal.

Por esse motivo, nesta nossa breve análise limitámo-nos a abordar o mundo das divindades fazendo figurar apenas parte das concepções do complexo imaginário popular colectivo, concepções que por vezes se justapõem ou se interpenetram e se encontram mais ou menos presentes na sua expressão mais corrente na província de Guangdong, tal como tentámos compreendê-los em Macau nos 16 anos de permanência no território. **RC**

NOTAS

- 1 Neste verso parece querer significar-se que a infinita misericórdia de Guan Yin, concretizada sob a forma de luz do seu esplendor, pode socorrer simultaneamente todos os mortais. Aliás, as divindades chinesas costumam classificar-se consoante o maior ou menor brilho dos seus esplendores.
- 2 Sendo a chuva uma das felicidades mais desejadas pelos agricultores, para desenvolvimento das suas colheitas, não é de admirar que estes versos, num templo de aldeia tradicionalmente agrícola, impetrem a Guan Yin, indirectamente, essa graça.
- 3 Par de versos paralelísticos que se completam no seu sentido e na escolha primorosa dos sinogramas utilizados.
- 4 Ana Maria Amaro, *Relações Culturais entre o Ocidente e a China – uma questão de ‘face’*, (no prelo), Lisboa, 2005.
- 5 Admite-se que a pintura a óleo tenha sido introduzida no Celeste Império pelos missionários jesuítas. De acordo com o Pe. Huc (*Le Christianisme*, vol. IV, pp. 71-72), teria sido o Pe. G. Castiglioni, que chegou a Pequim em 1715, quem ensinou os chineses a pintar a óleo sobre tecido e noutros materiais.
- 6 Élie de Beaumont, *Diary* 1764, ref. na *Revue Britannique*, vol. VI, 1895.
- 7 Supomos que se trata do Dr. Henrique Augusto Homem de Carvalho nascido em Macau em 5 de Dezembro de 1859, pertencente a uma das famílias mais antigas, abastadas e influentes do território.
Este médico, filho de José Francisco Homem de Carvalho e Pulqueria Maria Rosa Braga, formou-se em Medicina em Lisboa em 24 de Julho de 1891. Em 1894-1895 encontrava-se já em Macau como 1.º tenente-médico (B. O. n.º 27, de 7-7-1894 e suplemento ao n.º 38 de 16-7-1895). Por esta altura grassou em Macau uma

- epidemia de peste negra. Com outros médicos seus contemporâneos, o Dr. H. A. Homem de Carvalho notabilizou-se na assistência aos doentes, na sua maioria chineses. Talvez por isso mesmo tenha recebido aquela manifestação de apreço da parte dos chineses ricos que geriam Hospital Jing Hu [Kiang Wu].
- 8 É de notar que um leque de varetas que se “abre como uma cauda de pavão” era, ainda nos princípios do século XX, um dos acessórios usados pelos intelectuais chineses.
- 9 Ana Maria Amaro, *O Jardim de Lou Lim Iók*, sep. do Boletim do Instituto Luís de Camões, vol. II, n.º 1, Imprensa Nacional, Macau, 1967.
- 10 De acordo com o Almanaque chinês há dias “fastos” e “nefastos” que variam de ano para ano de acordo com o posicionamento de várias estrelas e as influências dos respectivos espíritos estelares. Esses dias estão referenciados nos almanaques que, na China do Sul, continuam a ser publicados nos modelos tradicionais.
- 11 Opõe-se à divindade estelar do Pólo Norte ou da Ursa Maior. Na Cosmologia chinesa, o Sul é a região da vida e do calor e o Norte, a região do frio e da morte. “O velho Homem da Constelação do Sul anuncia a paz”. O povo oferece-lhe sacrifícios votivos pedindo-lhe uma longa vida com saúde e felicidade.
- 12 Fu Xi é o primeiro do grupo dos Três Heróis ou Demiurgos, que se admite ter vivido c. de 3000 anos a. C. e sido o criador dos primeiros padrões da cultura chinesa. A esta lendária personagem é atribuído o *Yi Jing* 易经 (Livro das Mutações) ou, pelo menos, a invenção dos 8 triagramas. O imaginário popular atribui-lhe cabeça humana e corpo de dragão.
- 13 Conta a lenda que Shou Xing Gong reside no Pólo Sul, num palácio rodeado por jardins perfumados por plantas aromáticas, entre elas o famoso “fungo da longa vida” – o *lingzhi*.

MEMORY AND IDENTITY / Cultural Anthropology

- 14 Marcel Granet refere-se a esta divindade, referindo que costuma ser representada voando sobre uma fénix acompanhada por duas serviçais, uma com uma grande ventarola em forma de docel e a outra, com uma taça com os famosos pêssegos da imortalidade que florescem e frutificam de 3000 em 3000 anos no seu jardim e palácio de mármore e jade nos montes Kun Lun. O seu aniversário é celebrado no 3.º dia da 3.ª lua e a sua visita ao imperador no 7.º dia da 7.ª lua, dia dedicado às mulheres (v. tecedeira / boieiro). Mítica é a “festividade dos pêssegos” que se realiza nos jardins da sua residência e para a qual eram convidados todos os imortais tauistas.
- 15 Peónia, emblema da Primavera, é considerada a “rainha das flores”. Florescendo no final do Inverno é considerada um emblema de riqueza e êxito social. Igualmente é conotada com a beleza feminina. A peónia branca representa, poeticamente, uma rapariga jovem, bela e casta.
- 16 Os “coça-costas” (antigos *sao zhang* 搔杖) são hoje objectos de colecção que se podem ver em diversos museus. Os mais antigos consistem num cabo de bambu que termina por uma mão ou outra peça semelhante, nalguns casos com a forma dum *ru yi* 如意, fungo da longa vida. Este objecto parece ter tido uma outra função, a de *tan zhu* 谈助 – literalmente “chama-ajuda” (em inglês *talk stick*). Estes objectos semelhantes a ceptros, usados por letrados e professores, eram há muito conhecidos na Índia e parece que foram introduzidos na China com o Budismo. Contudo, passaram a estar ligados pela lenda à divindade tauista Magu.
- 17 Pe. Henri Doré, *Recherches sur les superstitions en Chine*, II^{ème} Partie (*Le Panthéon Chinois*), Tomes XI e XII.
- 18 Ilha montanhosa, morada dos seres sobrenaturais hipoteticamente situada no *Pou hai* 众漆.
- 19 Wang Fang, licenciado com mérito nos exames imperiais, renunciou ao seu cargo oficial para viver eremiticamente.
- 20 Moradia de imortais no Mar Oriental que alguns autores chineses consideram tratar-se de uma ilha lendária próximo do Japão.
- 21 “O mar oriental torna-se terra” significa que o mundo muda sem regras.
- 22 “O mar vira a terra, a terra torna-se mar” significa grandes mudanças.
- 23 O arco-íris para os chineses, de acordo com a sua classificação pentagrâmica, é constituído apenas por cinco cores.
- 24 Licórnio chinês, animal lendário cujo raro aparecimento se acreditava anunciar o nascimento de uma pessoa importante ou um facto sobrenatural ou insólito apesar de fasto.
- 25 Jogar ou competir em passes de magia manifesta intenção de não ultrapassar a sua convidada em poderes mágicos próprios de imortais tauistas.
- 25 O “fungo da imortalidade”, identificado modernamente com o fungo *Ganoderma lucidum*.
- 26 A suástica, símbolo conhecido desde a Pré-História conotado com o Sol e, segundo alguns autores, com a ficção rotativa de dois pedaços de madeira para produzir fogo. Mais tarde, foi adoptada como símbolo budista e na própria escrita chinesa significa 10 000, “número incontável”.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- Amaro, Ana Maria – *Kun Lam Ku Miu, O velho templo de Kun Lam em Macau*, Separata do Boletim do Instituto Luís de Camões, vol. I, n.ºs 4 e 5, Macau: Imprensa Nacional, 1967.
- _____
O Jardim de Lou Lim Iôk, Separata do Boletim do Instituto Luís de Camões, vol. II, n.º 1, Macau: Imprensa Nacional, 1967.
- _____
“O Tong Seng, e o Almanaque Amarelo”, in *Estudos sobre a China – III*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Janeiro 2001, pp. 363-480.
- _____
Relações Culturais entre o Ocidente e a China. Uma Questão de ‘Face’, (no prelo), Lisboa, 2005.
- Amiot, J. Joseph Marie Pe. – *Mémoires concernant l’histoire, les sciences, les arts, les moeurs et les usages des chinois par les missionnaires de Pékin*, Paris, 1786 (vol. II).
- Barrow, J. – *Travels in China*, London, 1804.
- Breton de La Marinière – *China, its costumes, arts, manufactures & C.*, tr. ingl., 1813.
- Chambers, Sir William – *Designs for Chinese Buildings, Furniture, Dresses, Machines and Utensils*, London, 1757.
- Ci Hai* 辞海 (Grande Dicionário), Xangai: Shanghai cishu, chubanshe, 1999.
- _____
Dictionnaire de la Civilisation Chinoise, “Enciclopedia Universalis”, Paris: Albin Michel, 1998.
- Doré, Henri Pe. – *Recherches sur les superstitions en Chine*, II^{ème} Partie (*Le Panthéon Chinois*), tomes XI e XII, Xangai: Imprimerie de T’ou-Se-Wé, 1918.
- Ge Hong 葛洪 – *Shenxianzhuan* 神仙传 (Biografia das Divindades).
- Granet, Marcel – *La pensée chinoise*, “La Renaissance du Livre”, Paris, 1934, 2.ª ed., Paris: Albin Michel, 1968.
- Hudson, G. F. – *Europe and China, an historical survey of cultural influences*, 1931.
- Jenys, R. Soame – *Chinese Art, III*, Nova Iorque: Ed. Rizzoli, 1982.
- Jourdain, Margaret & Jenys, R. Soame – *Chinese Export Art*, Suffolk: Spring Books, 2.ª ed., 1967.
- Si Ku Quan Shu Cun Mu Congshu* 四库全书存目丛书 (Enciclopédia Chinesa), Jinan: Qilu shushe.
- Williams, C. A. S. – *Outlines of Chinese Symbolism & Art Motives* (3.ª ed. revista), Nova Iorque: Dover Publications Inc., 1976.